

A QUESTÃO

DO

CONVENTO DE SÁ

DE

AVEIRO
bibRIA



PORTO

Typographia da Livraria Nacional

Rua do Laranjal, 2 a 22

1870

A QUESTÃO DO CONVENTO DE SÁ

Que singular época de desvarios, esta pela qual vamos passando ! Quantas contradicções se apresentam na apreciação dos acontecimentos, e quantas aberrações no juizo dos homens ! Que transições tão subitas como discrepantes, se deixam vêr no capricho e na parcialidade, com que são considerados certos assumptos !

Succedem-se as questões, sem que dê a isso causa o envelhecimento ou a pouca importancia das que se deixam no abandono, só porque outras lhes vem tomar o lugar.

A magnitude de assumptos vitaes, fica no esquecimento, logo que qualquer questiuncula possa surgir, que seja azada para dar logar a odios inveterados e renitentes, contra certas entidades votadas á condemnação.

Ameaçam-nos perigos graves, que põem em risco não só a sociedade, mas até a nacionalidade ; os cuidados não se excitam.

Ouve-se o estallar da tempestade que sobre nós está imminente; mas não ha despertar que possa mover a vigilancia os que d'ella são ameaçados. Move-se porém uma folha no bosque, e basta o seu bulicio para despertar e trazer re-

ceiosos, aquelles mesmos que dormiam o profundo e aturado somno da indifferença ou da indolencia, deitados junto ao tronco da arvore que ameaça a todo momento desabar, e esmagal-os em sua queda.

Assim acontece n'este paiz.

Onde os perigos são graves, é para ali que se applica, como remedio ou preventivo, o indifferentissimo, ou a garulice improductiva. Todo o affan, todas as especulações, todas as combinações da acção e da azáfema, todas as expansões de insofrimento e de algasarra, são dirigidas para os incidentes, sempre que d'estes se possam tirar illações ou razões de procedimento a proposito de assumptos, que não o interesse do paiz, mas a sanha doutrinaria quer attender com quasi exclusiva preferencia.

Ainda hontem, ha um mez, ha um anno, dir-se-hia que toda a convergencia de esforços e vontades, haveria mister que fosse empregada no grande pensamento de escudar a independencia do paiz contra as ameaças insistentes, ou indicações tão repetidas, que lhe fazem receiar perigos serios. É todo o zelo que esfria. É interesse que affrouxa. É inquietação que se modera! E porque? Porque se prefere sempre a tão momentoso assumpto, qualquer outro menos vital, menos importante, porém que seja mais tido a peito entre os que a tudo antepõem a sua subserviencia aos caprichos de uma escola, cujo symbolo se reduz a hostilisar as crenças a não dar trégoas a tudo que tenha o cunho de espirito religioso!

Assim o estão dizendo as *theorias da venda suprema*:

«Popularisem-se os vicios nas multidões; respirem-o pe-
«los cinco sentidos; bebam-o, fartem-se d'elle. Fazei cora-
«ções viciosos e não tereis mais catholicos.»

E quaes os meios? Bem se revellam estes, nas instrucções do comité central unitario, ha poucos annos publicado em França:

«Descrédito tanto e quanto se poder. Atacar todos os
«actos do padre, revestil-os habitualmente de côres e de
«marcas de opprobrio e de odio, servindo-se tanto e quanto
«possivel fôr, de documentos engenhosamente circumstaccia-

«dos. Repetil-os sem se importar com o desmentido, e es-
«palhar taes escriptos, breves e severos, contendo em si
«tudo o que possa ser mais infamante para o padre, e ex-
«primir a piedade mais sentida pelo povo que soffre. Não
«dar ao padre nenhuma trégoa, por todos os modos possi-
veis.»

Effectivamente as *theorias* assaz se pertendem levar á
pratica, visto que as *instrucções* estão sendo bem cumprim-
das.

Pois não se está vendo como desde alguns dias se afi-
naram em côro, e ainda proseguem entoando seus brados,
tantas e tão estridentes vozes da imprensa periodica, dan-
do alarme, e grasnando como os ganços do capitolio, con-
jurando todos os esforços, todas as iniciativas, todos os meios
coercitivos, toda a acção do poder executivo, como que de-
clarando a sociedade em perigo, a familia affrontada, e a
patria ameaçada? E tudo porque?

Tanta celeuma, tanta essencia de atrabilis, tanta escan-
decencia de sentimento, tanto amor á liberdade, serão por
acaso devidos ao perigo de virem as hostes inimigas pisar
ou ameaçar o solo da patria?

Terá sido porque o monumento que D. Manoel erigiu no
Restello depois do immortal feito do Gama, houvesse de
novamente ser enxovalhado, e os brios da nação abatidos,
como ainda ha poucos annos se deu, quando uma bandeira
extranha alli foi hasteada e saudada, reduzindo o pa-
drão da gloria nacional a repetir exemplos, só vistos n'al-
gum dealbado muro de Salé?

Seria porque alguma prepotencia de poderosa nação ex-
tranha, nos tivesse tornado submissamente reverentes a
qualquer exigencia desarrasoada, já que todo o orgulho
só é destinado a empertigar-nos quando despresamos pa-
ctos, e faltamos a compromissos com os que não são fortes
e só então pugnamos pelo que dizemos serem regalias da
corôa?

Nada d'isto. Não é alli que provém os sobresaltos. O
perigo e o mal não se medem por tal alcance.

Tanta celeuma, tanta acrimonia, tanto sentimentalismo,

só é devido... caso estupendo!... a que cinco senhoras portuguezas todas de maior idade, todas excepto uma, orphãs de pae e mãe, todas desprotegidas da fortuna, tendo sahido de um convento em Aveiro, onde eram educandas ou moças do côro, vieram a Lisboa, e queriam seguir para França, afim de alli irem aprender o systema de educação das pessoas do seu sexo, e virem depois estabelecer em Portugal casas da educação feminina, em beneficio proprio e de suas conterraneas.

E como trouxessem cartas de recommendação para um sacerdote de Lisboa, e este as recolhesse em hospício proprio durante o praso necessario para lhes obter a passagem, d'ahi surgiu essa tremenda tempestade, onde se accumulou a phrase destemperada, a torpe ensinuação, o mais audaz insofrimento, e todo esse apparatus palavroso com que a prepotencia, a intollorancia e a raiva se deram pressa em fazer rebombar os ares, invocando rigores querendo impor prohibições, tudo em nome de uma certa liberdade, que só adoram a seu modo, e appellando para um sentimentalismo, que para ser inaceitavel, basta revelar na contradicção em que cahem, sempre que tal sentimento lhe não é despertado quando aliás melhor merecia sê-lo.

Contra quem se insurgem os declamadores? Será crime perante as leis d'este reino, o pertenderem umas senhoras usar do direito que lhes assiste de se transportar a outro paiz?

Se tal direito lhes é negado, poderá dizer-se que existe liberdade, e fallar em nome d'ella?

E se tal liberdade existe, será licito estabelecer-lhe tão odienta restricção?

Haverá uma nova inquisição que se occupe de syndicar até onde seja expontane a avocação ou o desejo que nutrir possa quem em idade madura e reflectida, pertenda usar de um direito que a ninguem póde ser contestado?

Onde está a illegallidade com que se pretende condemnar aquelle acto? Onde a legalidade que possa servir de capa ás tão reclamadas providencias que contra aquella liberdade se pertendem invocar?

Contra quem se insurgem pois esses declamadores tão insoffridos? Insurgem-se contra a liberdade de que se fingem zeladores; insurgem-se contra a lei que estatue os direitos individuaes, e que só prohibe o que as leis condemnam; insurgem-se contra o individuo, no uso da sua razão, no exercicio da sua vontade e no gozo das suas prerogativas; insurgem-se contra todas as conveniencias sociaes, querendo estabelecer restricções excepçionaes no uso de direito commum, só porque d'esse uso julgam vêr em determinados casos uma contrariedade á pratica das theorias a que estão subordinados, e que em nome da liberdade querem tornar effectivas, embora por meio da prepotencia mais refinada.

É porém tão debil o reducto de donde querem disparar seus tiros, os defensores de uma liberdade de funil, os invocadores de legalidades que os contrariam, aponto de que, deixando os argumentos fallazes da menor idade, e outros correlativos, vendo a impotencia que os acompanha n'este campo, preferem convergir seus meios de ataque, recorrendo ao sentimentalismo, cantando nenias, tão imtempestivas em relação ao caso, como hypocritas á face da impassibilidade que n'outras occasiões d'elles se apodera.

As feias cores de que se carrega o quadro, os negros contornos traçados pelo pincel embebido no fel da invectiva e da calunnia, não bastam para dar relevo ao assumpto. É para a ficção mentirosa que em primeiro logar se recorre, apresentando os objectos de sua rancorosa sollicitude, como que seduzidas por extranhas influencias que actuassem em corações juvenis, e ainda na simpleza da tenra idade. É para a calunnia que se appella, desde que é opportuno infamar os que não se podem justamente aggre-
dir!

Mas desde que se descobre a fallacia do argumento, desde que se conhece e se não pode negar (bem apesar d'elles) que a idade não vem servir de pretexto ás imprecações, eil-os, os desmentidos, sem desistirem do empenho, lançando mão de novos recursos.

A zanga, a raiva, que já desvaira um ou outro dos da

algazarra, é que póde suggerir-lhe o disparate de propor que para as pessoas do sexo feminino quequeiram sair do paiz haja a mesma caução que se exige para os varões! Procedendo assim, fingem ignorar que esta caução é só e unicamente motivada para que os mancebos não se eximam á lei do recrutamento. Desejariam talvez que a liberdade ainda trouxesse mais outra prohibição, a não ser fundada em tal motivo? Assim se diria, se não se deixasse aqui perceber uma insania, filha da cólera que os domina, mas elevada a tão subido gráo, que de tão dispatada dedicação só poderia induzir-se que a conscrição militar houvesse de se tornar extensiva ás mulheres!

A aberrações de tal calibre são levados, os que acima de tudo consideram o empenho de só monopolisar em seu proveito e dos fins a que miram, aquillo a que chamam liberdade, mas que pelo modo como a usariam, se reduz ás mais insoffridas aspirações de tyrannia.

Eil-os no campo do sentimentalismo.

Venham, multipliquem-se, affluam para o mesmo fim, desde o mexerico baixo e grosseiro, até ao folhetim pretencioso; não falte no prestito locutorio, a chalassa, a insinuação chula e galhofeira propria dos conciliabulos dos balcões, a par dos excerptos philosophicos dos aspirantes de litteratura; venha tudo em auxilio do effeito que preparam quaes novos Jeremias de máo humor, que choram a largo pranto de crocodillo, não a sorte das mulheres que por sua livre vontade ou vocação seguem por caminho licito, a destino onde nem a mulher é desvirtuada, nem a moral offendida.

Derramam-se sentidos prantos, convergem todos os choros e soltam-se sentidos ais, lamentando a saudade e o apêgo de um pae, que da filha mais conhecia a existencia por outros affectos que não os da convivencia aturada: lamentam-se, exaltam-se seus soffrimentos, suas dores, porque se elle até hoje deixava de contemplar a filha recolhida no mosteiro, de hoje em diante continuará como dantes a deixar de a ver junto a si; não porque a prostituição a lançasse no lodaçal do vicio, não porque o vicio a

tornasse rebelde ao carinho paternal, não porque um amor desprotegido a fizesse invocar as justiças da terra, para irem devassar o lar paterno e obrigar o author de seus dias á consummação de um acto que elle não consentia. Nada d'isto. Chorem porem todos, levantem-se altos clamores, avivem-se todas as penas, façam vibrar todas as cordas do sentimento, porque aquella que tendo um pae, carecia talvez auxiliar-se de seu trabalho para viver, tomou a decisão de seguir para paiz estranho, afim de se habilitar para um melhor futuro, visto que a liberdade dos prepotentes não permite que no seu paiz encontre onde melhor logre seu fim!

Mas até onde chega a sensibilidade de tão maviosas se-reias?

Se a sinceridade e a bonomia podessem dictar taes lamentos, qual o motivo porque só n'uma excepção se tornam tão insoffridos sustentadores da regra?

Porque rasão apparecem só n'um caso assim isolado, estas sentimentaes lamurias em homenagem ao affecto paternal, que para serem justas, deveriam não ser excepçoes?

Corram-se esses campos, essas aldeias, essas villas de Portugal. Assista-se ao processo do recrutamento. Vê-de acolá uma pobre mulher junto do seu marido veletudinario. Dois filhos, alegria de seu lar, ajudam aquelles pobres a arrastar a vida, cujo melhor senão unico conforto é a companhia d'aquelles filhos que com elles compartilham o pão ganho á custa de fadigas e suores.

Mas n'um dia, todo aquelle quadro de pobreza, só enriquecido pelo affecto filial em remanso de paz, torna-se em quadro de desesperação, de miseria e de desalento. Em nome da lei vem exigido que um filho, apenas chegado á puberdade, seja raptado ao carinho paternal, para ir ser soldado. A grandeza do sacrificio, mede-se pela dor intensa e desolação profunda. A lei diz-lhe que deixe o seu alvergue, embora com tal separação sofram todos os effeitos de um affecto reciproco.

E será dado ao mancebo assim obrigado por uma lei

mais antinatural do que a simples vocação livre, objectar contra o cumprimento d'ella, apellando para o affecto paternal, que vae ser ferido no mais intimo d'alma?

Responderá o exactor da lei: «Que teus paes chorem rios de lagrimas, essas de nada valem. A lei é inflexivel; a lei não olha a affectos e ternuras; a lei não tem coração; ha de ser cumprida.»

E a lei cumpre-se em seus effeitos; ás vezes sabe Deus como no modo. Que importa que houvessem tropelias, quem se importa com quaesquer violencias commettidas?

O quadro que fica descripto não sómente é verdadeiro, mas tambem frequente e mil vezes repetido, commettendo-se excessos, e praticando-se illegalidades, que todas ficam esquecidas desde que os fins se conseguem, embora não se haja attenção aos meios.

E veio o folhetim, a politica, o zelo pela liberdade, a pungente homenagem ao amor paterno, levantar clamores, e invocar sentimentalismos, a proposito d'esta contrariedade posta áquelle respeitavel affecto, pelo qual só agora e isoladamente tanto se finge sentir?

Já se entoaram córos unisonos, chorando a desgraça de uma pobre mãe e de um angustioso pae que viram seu filho obrigado a abandonal-os, contra todas as vontades, interesses, ou vocações, e só porque a lei inflexivel, muitas vezes mal e abusivamente executada, vae intimar que larguem de si o objecto de sua affeição, o esteio da sua paz domestica?

Não. Nenhum clamores se ouvem! Nenhumas comisseções vem explorar o assumpto. A troco d'este silencio, expede-se uma portaria elogiando uma authoridade administrativa pelo zelo e actividade com que foi preenchido o recrutamento, e cobrado o tributo de sangue.

Uma portaria, e um habito, vem coroar um processo em que as lagrimas, os gemidos, e ás vezes um passamento precóce, nem merecem que se condoa o coração, nem se irritem os nervos d'aquelles, que tanto se commovem e tanto se exaltam, só porque uma mulher por vontade propria, e sem que deixasse de ser amparo ou protecção de

seus paes, pertendeu sahir do paiz, porque a isso a levavam circumstancias e sentimentos que não é dado devassar sem querer levar a tyrannia até ao dominio da consciencia.

Desde que se pertenda inaugurar uma tal severidade e levar tão longe a vigilancia, será mister estabelecer um systema de sindicancias a todos os filhos de familias, a todas as mulheres de qualquer condição quando hajam de sahir do paiz para qualquer destino ou collocação, e indagar quaes sejam suas relações, afim de proceder a inqueritos, até saber se vão a contento seu e de todos os parentes!

Seria absurdo um tal expediente? Então porque o reservam e empregam só em certos casos, como o que está dando logar a todo esse barulho?

Lamentos e imprecações n'este caso, onde ha um acto voluntario e sem offensa de lei alguma. Indifferença, elogios e premios n'outros e mil vezes repetidos casos, onde tudo é forçado, onde tudo é violencia!

Escusam os declamadores de momento, de vir a terreno com o sofisma, dizendo que no que ficou dito, se condemnou a lei do recrutamento. Seria uma futil evasiva. *Dura lex, sed lex.*

O que se lhes diz, é que os muitos e atrozes abusos que na applicação de tal lei se commettem, não são capazes de alterar seu indifferentismo e provocar tão afinada orchestra de invectivas. Saibam, todavia, que se o affecto paternal ou fraternal, tão atacado só agora, podesse servir de argumento para dictar praticas contra a liberdade individual, n'esse caso, desde que tal sentimento se tornasse em regulador de todas as leis sociaes, para serem logicos deveriam esses mesmos declamadores vir implicitamente condemnar aquella lei, sob pena de serem contradictorios em seu sentimentalismo.

O amor á liberdade, como ella está sendo interpretada, não faz comtudo desadorar uma lei, que em absoluto effecta a liberdade individual, e fere em mil casos o affecto paterno e os látegos da familia.

O mesmo amor á liberdade assim interpretada, faz com que se estejam pedindo procedimentos com os quaes se desacataria um direito absoluto, e dos que chamam *illegisla-veis*, restringindo a liberdade individual, para a qual quaesquer peias se acham aliás plausiveis, quando á sombra de tal nome menoscabado, se pertendem contrariar certos instinctos licitos.

Vós é que sereis illogicos e sophistas, ó declamadores, se não vociferardes contra uma lei, onde se repetem por entre variados abusos e prepotencias, casos mais graves do que aquelle que tanto vos seduziu ao sentimentalismo!

Engasgae-vos com um mosquito, e tragaes caravanas inteiras de camellos?

A vossa logica, é aquella; a vossa coherencia é esta!

E poderá ser crível a sinceridade de taes humanitarios, ou não haverá antes um indicio palpavel de que outro impulso lhes move o seu insoffrimento e alvoroço?

Não é crível tal sinceridade.

Ainda mais se offerece á consideração d'este assumpto.

Se um dia, se n'um momento de obsecção, só devida á saudade de paes, lares e affectos, o filho do povo que a estes foi raptado, ceder á viveza d'aquelle sentimento, e se ausentar do posto a que foi forçado, outra sorte o espera. Por uma culpa que não revella máos instinctos, será considerado um criminoso de gravidade, e d'ahi condemnado a exilio para mortifero clima, sem differença e a par do facinora que tirou a vida a seu semelhante, sem differença e equiparado ao ente sem moral, sem fé, e sem crenças; porque, seja dito, parece que aos sentimentalistas não importa, que sem moral e sem crenças, nasçam, vivam, e morram, aquelles cujos crimes se preferem punir, antes do que se procuram evitar pela educação e pelo sentimento religioso.

E' contra este elemento que em ultima instancia, toda esta guerra parece dirigir-se e concentrar seus ataques!

Bradam bem alto os factos, para evidenciar que outro movel bem diverso do que a mera sensibilidade ou zelo pela lei, é quem actua no procedimento dos austeros cen-

sores d'agora, tão negligentes n'outras circumstancias.

Os exemplos não escasseam para assim o julgar.

Não vac longe o tempo em que um ministro negligente deixava de comparecer n'uma sessão do conselho d'estado, em dia aprasado para confirmar pelo regio punho e pela rubrica ministerial perante aquelle congresso, o perdão ou a commutação de penas que havia já sido previamente resolvido nas competentes instancias. Só faltava aquelle acto solemne, aquella formula material, para dar a sancção definitiva ao que já moralmente estava decidido e concedido. Rei, ministros e conselheiros de Estado, reuniam-se para completar tão sublime acto de clemencia. Completou-se em parte, excluindo porém, no que dizia respeito ao ministério, cuja gerencia se achava commettida á negligencia personificada. O ministro não compareceu. O perdão já promettido, já concedido, não ponde ser ratificado! A incuria, o desleixo, a indifferença ou quer que fosse, de um membro do poder executivo, bastou para que os que moralmente se achavam já indultados, não colhessem o fructo da acção benefica da mais nobre prerogativa real!

E os infelizes que já esperavam, ou melhor se diria, que já contavam com um lenitivo á dura sorte, cujo era seu destino, viram frustradas suas vivas esperanças, tiveram annullados os lenitivos que haviam merecido, só porque acima de tudo se fôra collocar a indolencia, a impassibilidade imperdoavel de um magnate.

E passa desapppercebida esta enormidade que até affecta o uso da mais nobre prerogativa real, qual a clemencia; assim se olha fria e placidamente para a sorte de uns infelizes que só por effeito da mais atroz indifferença, se deixam ir barra fóra, atravessar o Oceano, privados de conforto, dilacerados pela mais profunda magoa, para expiar em inhospitas plagas, um crime, que sómente foi em pertenderem eximir-se aos rigores e talvez aos abusos de uma lei, que os separou de pae, mãe e familia, em nome das imperiosas exigencias de uma sociedade que se apregoa agora como offendida, só porque umas senhoras na idade de poderem de si dispor, procuram

por seu arbitrio um destino menos em prejuizo, e mais em vantagem d'essa mesma sociedade!

Onde ficou o sentimentalismo, onde se patentearam essas tão vehementes indignações d'esses austeros; onde ficaram esses zelos, essas tutellas pela paternidade, essas imprecações em nome de leis que não existem, quando o mesmo descurado ministro da corôa, por uma simples pennada legislou em materia criminal, ampliando a orbita de uma penalidade rigososa e iniqua, sem attender á indole, ás condições e conveniencias que era mister respeitar? E uma tal exorbitancia decretada em 19 de dezembro de 1868, nem foi sanada pela indemnidade parlamentar, pois esta só foi extensiva aos actos dictatoriaes, a começar de janeiro seguinte. E onde ficaram os escrúpulos pela legalidade, quando se tem feito obra por uma tal exorbitancia, que até envolve violação flagrante do codigo fundamental no que diz respeito aos ramos do poder legislativo, e em assumpto de natureza e alcance tão delicado, que contende com os direitos civis e politicos dos cidadãos? Uma tão violenta ousadia poderia não ser extranhavel em Marrocos, onde ao menos não haveria a discordancia de se invocar a par d'ella um acatamento pelo regimen liberal.

Aqui porém, aguda lastima só calla na alma dos declamadores, quando se apresenta um acto inoffensivo das leis, e despido de violencias, ao passo que nem um brado de compaixão, nem uma palavra de stygma ou de extranheza assumou aos bicos da penna dos Catões, quando tinham ante os olhos, não sómente as continuas e normaes scenas de oppressora violencia de que tão habitualmente são victimas os filhos do povo: não sómente o indifferentissimo brutal com que o exilio e a separação perpetua e até a morte lenta vem punir um delinquente que só o é ás vezes por arbitrio alheio; mas nem ao menos tiveram olhos para ver e para carpir, ou coração para sentir e se expandir, quando pelo simples effeito de uma insolita e imperdoavel incuria de um mandão exorbitante, lá se foram arrebatados á patria, á familia e aos af-

fectos intimos, aquelles que não o seriam, se não fôra licito ficarem impunes e até passarem desapercibidos descuidos de tal lote e gravidade, n'uma superior instancia dos poderes publicos, descuidos que decerto chegam a ser crimes na ordem das omissões!

Nada d'isto commove, os que tanto se commovem, pela livre sahida das senhoras d'Aveiro!

Descreve-se com sentida phrase, especula-se com patheticas e estudadas invocações de dó e sensibilidade, o perigo que corre a sociedade e a familia, quando uma senhora *quiz sair* de um paiz livre. *Popularisa-se a invectiva*: faz-se com que as imprecações se *respirem pelos cinco sentidos*; as illações odientas repetem-se, multiplicam-se *até que todos se fartem*; pervertem-se as opiniões: especula-se com o sentimento das camadas sociaes. Não cessa, nem cessará talvez bem cedo o grito feroz de um lado, a sentida nénia do outro. De mão dada, a lamuria e a diatribe, o lamento e a insinuação, não darão facilmente por finda a sua predica, inculcando o feito como um escandalo, um perigo, uma scena commovente do affecto paternal offendido, e de piedade filial desprestigiada! A piedade chegou-lhes somente agora a respeito d'estas cinco senhoras. Sômente serão paes os paes d'ellas?

Pois nem vêem que quatro d'ellas são orphãos de pac e mãe?

Custaria a crêr, se não fosse vista, uma tão feia contradicção, um tão differente modo de apreciar os acontecimentos.

Se a sinceridade podesse por um momento consentir que fossem revelados os verdadeiros fins a que miram tão compassivas e zelosas almas, se podessem por um momento deixar a mascara com que escondem as suas tendencias, a franqueza os levaria a confessar que não é o amor á familia ou aos affectos com que ella se cimenta, mas sim que a aversão ás instituições e ás praticas onde possam sobresahir sentimentos em que domine a religião, é quem actua no procedimento menos imparcial e sobre modo faccioso, de que tão afoutamente usam.

Para que invocar o respeito pela familia, e pelos affectos d'esta, para que inculcar-se sentinellas vigilantes contra os perturbadores do lar domestico, e zeladores austeros da sociedade? É falso esse zelo; é mentida essa dor; é intempestiva toda essa algazarra que se levanta a pró de sentimentos que se fingem nutrir, mas com cuja violação habitualmente ha tanta conformidade e tanta transigencia.

Poderia perguntar-se a taes fanaticos, que destino usam dar os poderes publicos ás educandas que habitam nos conventos de freiras, quando estes se despovoam pela morte da ultima?

Ainda ha pouco tempo, foi extincto o convento da Madre de Deus; e quaes foram os piedosos vigilantes, agora tão accesos e sollicitos, que então derramassem uma lagrima sentida pela sorte de algumas pobres senhoras, de subito lançadas á rua, sem que alguém se importasse com seu destino, e sendo indifferente a que ellas tivessem por arbitrio a escolher, a fome, ou outra sorte mais desgraçada e abjecta? Que brados piedosos se ergueram, quando da Casa Pia mandaram ha annos sahir sem destino, raparigas ainda em menor idade, entregando-as aos azares do mundo, algumas das quaes lá foram cahir na prostituição, pois era este quasi o recurso a que as havia de levar aquelle abandono, aquella facilidade em não se importar com a sorte d'ellas?

E vem ainda fallar em moralidade, vem explorar o campo do sentimentalismo, invocando dos poderes publicos vigilancia e rigores, em nome da protecção devida a menores?

Vigilancia e rigores deveriam pedil-os n'outros casos, mas não o fazem.

Consulte-se a estatistica da prostituição. Alli se encontra que já no anno de 1865 só em Lisboa vinham indicadas 149 raparigas de 14 a 21 annos, entregues á desgraçada condição de povoadoras dos alcouces. Pois nem a proposito de uma, esse jornalismo tão cioso, consta que viesse chorar pelo soffrimento paternal, e pedindo rigores como agora sollicita.

Pois que, hade-se por impedimento, hade-se tolher a liberdade de domicilio, á mulher morigerada e livre, que se propõe a ir fóra do paiz; ha de fechar-se o mosteiro á que quizer viver fóra do bulicio do mundo; toda a restricção ha de ser exercida contra o que denominam beaterio; não se consente que seja livre o exercicio de uma vocação toda filha de abnegação e sentimentos piedosos; mas abre-se o livro da *matricula*, e ahi é livre o professor! Intervehna a acção e a protecção official; arregimente-se quem quizer n'essa congregação *tolerada*; escripturem-se os livros respectivos; recebam-se sem peias nem impedimentos os nomes inscriptos, e estabeleçam-se as tarifas do arrolamento!

Ninguém se afflige com a matricula nem com os seus livros, nem com os seus resultados.

Tudo isso ahi fica estabelecido sem lastima nem opposição, já como escripturação, estatística e preceito, já como systema para a melhor formação da familia, mas que não é a familia em que se bazeia a sociedade, por cuja tutella tanto dizem pugnar.

Podem todas essas desgraçadas, quer maiores quer menores de idade, que perderam todas as parcelas da moralidade e de pudor, aglomerar-se n'esses lupanares, a lei não lhes tolhe o exercicio do seu infeliz mister, nem apparecem sentimentalistas que venham pedir providencias para as desviar d'esses covis; basta que ellas dêem o nome á repartição da policia e ahi declarem querer entregar-se á prostituição, podem contar que a lei as escuda no seu depravado officio, logo que paguem um tanto de decima, pessoal ou industrial!

Se a filha não emancipada fôr seduzida por uma d'essas donas de casa, ou antes senhoras de covis (com cuja agencia ninguem contende porque não cheira a fanatismo); se essa filha assim arrastada á perdição e á deshonra, roubada á familia e á sociedade para ir viver no lupanar, fôr procurada pelo pae afflicto que pertende tiral-a do prostibulo immundo; e se ella dominada pelos atractivos com que a illudem os viragos, não quizer ceder ás supplicas

paternas; e se o pae afflicto recorrer á auctoridade civil para que lhe seja entregue, arrancando-a assim no lodagal onde tenta affundar-se «não pode ser» lhe responderão os poderes. «Seria isso exorbitar de nossos direitos, dando-lhes uma latitude desusada que a lei não permite. Visto «que quer ser prostituta, e a matricula a authorisou a es-«se mister, está legalmente instituida, e a acção paterna «não pode obrigar-a.»

E em vista do facto e da lei, o pae póde chorar sua desgraça, que ninguem brada contra tal disposição, nem invoca o sentimentalismo a pró do effeito paternal, não só magoado, mas até offendido no que póde ter de mais caro e mais extremoso !

Quer porem uma mulher honesta que se refugiou n'um mosteiro, buscar meios fóra do paiz, afim de se habilitar para mister mais agradável a Deus e mais util á sociedade, e á familia; bradam-lhe logo — não podeis fazel-o ! E á voz do jornalismo se exitam os procedimentos lesivos, como agora aconteceu obrigando cinco senhoras a regressarem a Aveiro, fazendo-as supportar novas despesas e incommodos, pois já que não lhes podiam obstar legalmente á sahida, nem incriminar ninguem, por isso as sentidas declamações tornaram-se em raivas, e traduziram-se em vexames contra ellas, exigindo-lhes como alvará de folha corrida, para provar não estarem pronunciadas por crime!

E tudo isto se pratica, se trapaceia, se meche e se incita em nome da liberdade, e para garantir esta ás futuras gerações ?

Parece incrível; mas é certo para vergonha d'este paiz!

Vexam-se umas pobres senhoras que procuram um destino licito e honrado; bafarustam-se todos os recursos para pôr impedimentos; ha um zelo insoffrido pela sorte d'aquellas senhoras. Ao passo que isto succede, lê-se no *Diario de Noticias* de 30 de novembro, que uma menor de quatro annos abandonada e tiritando de frio, fora recolhida no dia 19 na rua dos Bacalhoeiros, por um homem pobre e compadecido, o qual pedindo já por vezes á policia que tomasse conta da infeliz, visto elle não poder sus-

tental-a, só tem obtido com resposta que a *guardasse ou a abandonasse outra vez onde a havia encontrado, porque a policia não podia tomar conta d'ella!*

Seja ou não verdadeiro o facto allegado, é fora de duvida que não se ergueram a tal respeito tantas vozes compassivas pedindo providencias!

Até onde poderiam ir os commentarios a esta indifferença, comparada com aquella soffrega solicitude contra a livre escolha de honrada collocação, por parte de mulheres adultas?

E ainda serão necessarios novos confrontos? Vejamos.

Mencionou-se ha tempo um facto, de uma menor de treze annos de idade, ter sido enganada por uma d'essas superiores de covil, matronas anti-lazaristas e inimigas das irmãs da caridade, e portanto propugnadoras da *liberdade* das futuras gerações, e foi a dita menor levada á matricula, cuidando que era para poder servir como criada. O pae da infeliz, informado da desgraça da filha, correu apresurado a Lisboa para salvá-a da infamia; mas não poudo. Os regulamentos da lei poderam mais do que o poder paterno.

Gritadores, vêde-vos n'este espelho; e se tiverdes pejo, emmudecei!

A par d'isto, aconteceu ha mezes, que duas senhoras se recolheram voluntariamente a uma casa religiosa, depois de haverem a permissão do respectivo prelado. Seus parentes nada disseram; mas logo houve jornalismo que começou e proseguiu em seu vociferar de intolerancia, denunciando o facto com insistencia e azedume, até que o governo expediu uma censura ao prelado que tal havia permittido!

E' assim que se procede em nome da liberdade, que rigidada por taes mãos, se enxovalha e se desconhece, desde que se passa a significar prepotencia rancorosa.

Protege-se a prostituição, dão-se-lhe garantias, e facultase o respectivo recrutamento, sem que intervenham brados altisonantes; põem-se todas as peias, levantam-se todos os clamores, e invoca-se o sentimentalismo, para guer-

rear o systema de vida que áquelle lodaçal de vícios e de torpezas mais pôde servir de correctivo, do que de incentivo. E como principal razão, como unico ou mais valioso argumento, invoca-se com desdem a palavra lazarusmo e beaterio, de promiscuidade com algumas vaías contra as irmãs da caridade, embora esse recurso venha deslocado e intempestivo! E' porém este um lugar commum, de que sem pudor se servem aquelles que á falta de razão e de justiça, se abalançam aos mais exagerados recursos.

Eia pois, visto quererem hostilizar e affrontar a idéa de moral e de virtude, já que preferem uma sociedade corrupta, e fundada em bases onde a prostituição campeie como benemerita, e a continencia e piedade da mulher seja condemnada aos tratos da calúnia e da intolerancia, não vão tão longe n'esse pertinaz intento, a ponto de mediante taes procedimentos e clamores, acarretarem sobre este paiz a vergonha e o desprezo de todos os povos, onde o cynismo ainda não ousou ser tão audacioso.

Ataquem de frente a virtude; mas não façam obra iniqua fingindo acatal-a, para melhor a perseguir e coartar. Patenteem-se inimigos declarados dos sentimentos de piedade. Confessem francamente que não querem a liberdade senão para o que lhes convém. Mas deixem a hypocrisia com que fingem sentir os males da familia, quando aliás não sabem sentir os males que corróem a sociedade. Vêde a estatística dos estupros, dos infanticídios, a escala crescente dos suicídios, e vinde depois gritar contra quaesquer meios tendentes a evitar esses males pela educação religiosa!

Se o capricho cego não obsecasse certos espiritos, poderia dizer-se-lhes como o nosso eminente escriptor que em 1839 assim se expressava no *Panorama* n.º 115:

«Sem religião não ha civilização verdadeira — sem civilização não ha bons costumes — e sem estes *não só a liberdade não é possível, mas nem sequer a sociedade.*»

Baldado empenho. Não ha peor surdo que aquelle que não quer ouvir. A tudo contestarão com o lugar commum,

injurando o que chamam lazarismo, e as irmãs da caridade!

E para que ousaes, ó declamadores, lançar injurias sobre as irmãs da caridade? Taes injurias vos cahirão sobre as faces!

Quereis mostrar-vos zeladores da *liberdade*, injuriando a instituição onde mais se sanciona a *igualdade* e a *fraternidade*?

Vergonha sem igual é essa, que nos faz conceituar como um paiz, aberração entre todos os do mundo civilizado e não civilizado.

Vêde o que se diz na protestante Inglaterra, n'um de seus mais considerados jornaes, o *Illustrated London News*:

«Parece-nos que haverá poucos christãos *que façam questão de créditos*, ao contemplar essas piedosas mulheres que «tão dedicadamente se entregam aos deveres a si impostos, «de amor e de caridade, e assistindo tão carinhosa e pacientemente á creança enferma e ao orfão desvalido.»

Vêde o que dizem os musulmanos, no jornal de Constantinopla, e nas correspondencias de Alexandria:

«Na maior parte das povoações do Libano e da Syria, «como em Constantinopla e Alexandria, os missionarios europeos, e especialmente os lazaristas, valorosamente se «cundados pelas irmãs da caridade, rivalisaram em abnegação, durante a epidemia colerica. A fama das irmãs «da caridade augmentou em todo o Oriente, onde a abnegação d'essas piedosas estrangeiras *foi sempre objecto de admiração*.

«O seu zelo e a sua dedicação tem estado á altura do «perigo.»

Vêde o que em outubro ultimo diz o relatorio da revolução republicana de Valencia, vencida pelo bombardeamento e viva força:

«As *heroicas* irmãs da caridade, depois de haverem cedido o seu ultimo colchão para os feridos, acabrunhadas «pelo cansasso, e muitas d'ellas com os pés magoados por «tanto lidar, proseguiram prestando seus humanitarios ser-

«viços, com uma abnegação e um zelo, que só pode ser «inspirado pelo amor do proximo, e pela fé christã, n'ellas inoculados por seu santo fundador Vicente de Paulo.»

Assim se expressam christãos e musulmanos, catholicos e protestantes, hereges e scismaticos, absolutistas e republicanos.

Assim se pensa e assim se repete, sem distincção de crenças ou de politica, em todas as regiões desde a Europa civilisada, até aos confins da Asia e do Novo Mundo, onde chega o benefico influxo d'aquella instituição, tão benemerita da humanidade, e que tanto exalta a religião que a alimenta.

Enganar-se-hão todos os povos seus admiradores, e o bom juizo só estará nos nossos espiritos fortes que as expulsam e injuriam?

Como estamos distantes em relação ao resto da humanidade! Se outros *sem questão de credos* as declaram *heroicas*, e *sempre objecto de admiração*, aqui em Portugal pronuncia-se a ineptia de que tal instituição é perigosa para a liberdade!

Isto faz asco e causa indignação, pois que nos envergonha perante o mundo civilisado.

O que estamos vendo e ouvindo; a maneira facciosa e atrabiliaria com que se levantam e sustentam certas questões e se discutem certos assumptos, so deixa perceber que esta sociedade caminha para a dissolução.

Estamos no baixo-imperio, ou estrebuxamos na devassidão da época mais obnoxia da Roma pagã.

Podem as hostes de Vespasiano ameaçar já os muros de Roma, ainda os histriões pensam de preferencia em conduzir Vitellio em triumpho. Já Mahomet II bate ás portas de Bysancio, e ainda os Paleologos se occupam das controversias da theologia scismatica.

Estamos em Portugal, e ao expirar do anno de 1869. Já os perigos que ameaçam o paiz se manifestam em toda a sua enormidade; e ha quem pertenda esconjural-os, occupando-se em querer garantir a liberdade e escudar a sociedade, como? Prohibindo o que deve ser livre, accusan-

do e denegrindo o que tem o cunho da virtude.

Onde o vicio merece amparo e liberdade, e onde ao mesmo tempo se tolhe esta ás acções inoffensivas e destinadas em seu fim a combater a immoralidade crescente, e tudo se apôda de reacção como lenda de odio, ahí está consignada a degradação de um paiz ; ahí está lavrada a sua sentença, porque acima da aberração e da injustiça dos homens, está ainda a justiça de Deus.

Reacção, sempre reacção: é a palavra que se pronuncia como um symbolo para ser vilipendiado !

Pois assim como o opprimido reage contra o oppressor, como a liberdade reage contra a tyrannia, assim tambem reage a acção benefica, contra a acção malefica que pretende antepôr a injusta violencia á justa liberdade.

bibRIA

FIM.

bibRIA

Carta dirigida ao Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr. Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça sobre o mesmo assumpto por um portuense amigo da liberdade.

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

Não é para discutir o bom ou máo direito, com que algumas senhoras resolveram sair do Convento de Sá em Aveiro, nem para moralisar o seu bom ou máo destino, — assumpto de que a imprensa exuberante senão descomodidamente se tem occupado; mas por indicar as consequencias desastrosas a que esse facto parece ter pertencido encaminhar a superior acção governativa, que tomo a liberdade d'offerecer á illustrada consideração de V. Exc.^a algumas ponderações, a fim de restabelecer a verdade dos factos, por tantos modos até agora envidados e desfigurados, e por fim as suas immediatas consequencias.

No Convento de Sá existe uma numerosa familia, que se compõe presentemente de trez virtuosas religiosas professoras, d'algumas senhoras recolhidas e seculares, e d'algumas meninas educandas, todas sujeitas a regras estabelecidas e convencionadas para as suas differentes condições e subordinadas á obediencia e governação da respectiva Abbadeça.

E' facto que deste Convento sahiram cinco senhoras, todas seculares, ás quaes a Abbadeça mandou abrir as portas do Convento, como não podia deixar de fazer, desde logo que assim por estas, lhe fosse exigido, sabidas que sejam as condições, pelas quaes cada uma d'ellas se havia acolhido á clausura, e que trez d'estas senhoras, são maiores de 30 annos, sem Pae nem Mãe e em pleno uzo de seus direitos civis, uma maior de 20 annos, orfão de Pae e Mãe e já emancipada, e outra maior de 24 annos,

filha natural de paes certos mas até hoje não reconheci-da !

E' facto tambem exuberantemente averiguado, que a não ser a resolução d'esta ultima senhora se auzentar do Convento, ninguem se teria feito cargo de noticiar a au-zencia das outras, nem de se importar com o seu bom ou máo destino. Quiz porém o mau fado, que no numero das auzentes entrasse tambem essa senhora para desde logo se dar alti-sonante grito d'alarme, para ferverem as re-clamações, para se baratearem perfidas insinuações, para se fazer muita bulha e tambem muito espirito, e para se excitarem os animos até o mais subido sentimentalismo, creando desde logo victimas certas e designados cumpli-ces para reclamar contra todas vingança, acobertada com as candidas vestes da inflexivel justiça !

Se para destruir tão malevolas insinuações e salvar as victimas innocentes, que n'este perfido ensejo se pertenden sacrificar fôra mister alevantar-se o véo que encobre a vida privada, a fim de pôr em relevo e a descoberto perante V. Exc.^a seus auctores e cúmplices não haveria em ultimo extremo duvida de lá chegar em devido testemunho da verdade reconhecida por tal.

Para já será sufficiente, que V. Exc.^a saiba, que esta senhora filha natural, maior de 24 annos e como tal em pleno uzo de seus direitos civis, era uma senhora secular e não educanda, a qual como mestra se encarregava do ensino d'algumas educandas, como meio d'ocorrer á sua subsistencia, e como tal independente sem carecer d'estra-nha auctorisação para seguir livremente o novo destino, que se lhe affigurou poder assegurar-lhe um futuro tão sa-lutar quanto precaria se lhe mostrava a sua presente si-tuação.

Foi n'este proposito e por effeito de sua irrevogavel re-solução que esta senhora deixou o Convento de Sá, já se vê com tanto e tão bom direito como o fizeram as suas companheiras, não como fuga ou subtração á obediencia paterna ou da communidade, como se tem pertendido en-sinuar, mas com previo conhecimento tanto d'uma como

d'outra, quando se lhe abriram como não podiam deixar d'abrir as portas do Convento.

Dos referidos factos fica portanto manifesto, que estas senhoras deixando o Convento de Sá por sua expontanea, ou, se querem, sugerida deliberação, o fizeram no exercicio d'um direito, que ninguem lhes poderá contestar, e que embargar-lhes o passo que ellas entenderam bem ou mal dever dar em seu real ou presumido proveito importaria um arbitrio intoleravel, um criminoso attentado contra as individuaes immunidades de cada uma d'ellas.

Assim o ententem, como não podia deixar d'entender o governo, e assim lá foram essas senhoras para ondê a sua vontade e o seu destino, ou a sua illusão as convidava.

Na presença dos referidos factos parece que deveriam ter immedecido todas as malevolas insinuações com que se pertendeu invertel-os e desfigural-os; ao contrario porém com a luz da verdade recrudesceram os odios, e o que a justiça não podia dar nem consentir tem-se pertendido obter por meio de inqualificavel arbitrio, invertendo em odio, vingança e descredito do Convento de Sá um acontecimento, do qual nenhuma responsabilidade se lhe pôde impôr.

Ninguem até hoje tinha curado de saber, se o Convento de Sá estava nas condições d'uma regular existencia ou de precisar ser suprimido por lhe faltarem as da sua existencia legal. Agora, porém é mais que certo, que já lhe faltam todas essas condições, e que o governo não se deve deter em decretar a sua immediata suppressão! Assim o reclamam aquelles mesmos, que tão silenciosos se conservaram em quanto a seus particulares intentos e proveitos se prestava a existencia d'esse agora tão desconsiderado Convento!

Se o Convento de Sá está nas devidas condições de dever ser supprimido, supprima-se, cumpra-se a lei mas de modo que não se possa dizer, que esta suppressão foi decretada, não por falta das condições de sua existencia legal, mas porque resolveram auzentar-se d'ali quatro senhoras, ou por melhor dizer uma d'ellas que bem ou mal tambem

entendeu dever dar-se novo destino, contra o qual se queria que a communidade lhe cerrasse as portas, constituindo o Convento em Carcere privado e a respeitavel e virtuosa Abbadessa em carcereira das suas habitadoras!

O Convento de Sá, como é publico e notorio ha annos que existe nas mesmas condições em que hoje está, sem que ninguém se acordasse da sua suppressão por conhecido e havido debaixo da apparencia d'uma casa religiosa mas como casa de verdadeiro asylo, refugio da innocencia, seguro e efficaz amparo de desvalidas e collegio de salutar e proficua educação.

Declarar extincta uma casa que se abona e recommenda por tão elevados titulos de conveniencia publica e particular importaria para já nada menos que decretar o assassinato de trez virtuosas Freiras, lançar á praça publica uma porção de senhoras recolhidas, que alli têm residencia honesta e economica e interromper senão destruir a regular e proficua educação de tantas meninas educandas, que seus Paes e Tutores, os mais competentes e interessados para velar pela melhor collocação e educação de suas filhas e tuteladas confiaram e continuam a confiar do Convento de Sá sem receio de que se tente convertel-as em lazaristas acobertadas com as roupetas das irmãs de caridade.

Conservar e manter uma casa nas condições que offerece o Convento de Sá e concorrer para que elle se mantenha em permanente recolhimento de senhoras adultas e em estabelecimento de regular educação seria por ventura grande e importantissimo serviço feito tanto á Religião como ao estado.

Como predio urbano é o Convento de Sá reconhecido, como inutil para qualquer outra applicação immediata; offerecel-o portanto á licitação da praça publica e já visto e reconhecido que o seu producto em nada virá auxiliar e valer ás urgentes necessidades do Thesouro, muito principalmente quando é certo, que não só o edificio mas todos os bens do Convento, estão muito anteriormente ás leis de desamortisação, sujeitas ao pagamento de dividas muito importantes, autenticamente documentadas, e até

mencionadas nos inventarios officiaes, feitos áquella casa por ordem do governo, em datas recentes. Além de outros Credores, deve o Convento só ao Visconde de Granja 7:786\$710 com juros, e outras quantias aliás igualmente importantes, também reconhecidas nos alludidos inventarios, porque todas são existentes em virtude de seguras escripturas e ducomentos. Convertel-o porém em casa regular de recolhimento e educação seria por ventura um valioso titulo de honra e gloria para o governo que uzando de sua iniciativa o indicasse e assim o decretasse, provendo por este modo a uma de nossas mais instantes e urgentes necessidades.

Tanto felizmente abunda o paiz em casas d'asylos para a infancia desvalida e abandonada, como carece absolutamente, depois da extincção das ordens religiosas, de casas para recepção de pessoas adultas.

Curar portanto da creação de estabelecimentos de tão manifesto alcance convertendo os Conventos que não offerecem uma mais util applicação em casos de verdadeira recepção e educação, é a indicação que agora ouzo offerecer a elevada consideração de V. Exc.^a, suscitada principalmente pela accintosa perseguição feita ao Convento de Sá.

Digne-se, pois, V. Exc.^a acolhel-a como julgar merecer e considerar-me sempre com toda a dedicação e reconhecimento.

De V. Exc.^a

UM PORTUENSE

Amigo da verdade.